Identidades: Um discussão em rede!

Antonio Clarindo Barbosa de Souza[1]

RESUMO: O presente texto tem como pretensão discutir o conceito de identidade tanto enquanto conceito teórico como enquanto constructo ideológico que permite aos indivíduos se reconhecerem como parte de uma comunidade. Por tratar-se de um texto ensaístico, o tom das afirmações aqui feitas terá o objetivo de provocar uma discussão posterior com os ouvintes da mesa redonda e os futuros possíveis leitores. O texto está divido em três partes. Uma primeira na qual parto de observações mais gerais sobre o que seriam as identidades locais; uma segunda parte onde tento esboçar como vem se constituindo as identidade dos historiadores do Ceará e da Paraíba e, num terceiro momento, arrisco algumas considerações sobre como as redes sociais ajudam a construir e destruir identidades no chamado mundo pós-moderno.

Palavras-chaves: Identidades; Historiografia; Redes Sociais.

This paper has the intention to discuss the concept of identity both as a theoretical concept and as an ideological construct that allows individuals to recognize themselves as part of a community. Because it is a text essay, the tone of the statements made here in have the aim of provoking a further discussion with listeners and the possible and future readers. The text is divided into three parts. A first delivery in which the more general remarks about what would be the local identities and a second part where I try to sketch as is becoming the identity of the historians of Ceará and Paraíba and a third time, venture some thoughts on how social networks help build and destroy identities in the so called post-modern world.

Keywords: Identities; Historiography; Social Networks.

INTRODUÇÃO

Buscar a identidade de um local ou mesmo de um indivíduo é o que há de mais difícil, principalmente em tempos ditos pós-modernos como os que estamos vivendo. Até os anos de 1950 era fácil, ou pelo menos parecia fácil, distinguir as pessoas por nação, etnia, condição política (esquerda, direita, centro), religião (católico, cristão, muçulmano, judeu, etc). Hoje, nas primeiras décadas do século XXI, está cada vez mais difícil estabelecer tais definições.

Como aponta Stuart Hall (2003), as identidades, no chamado mundo pós-moderno, são fluídas, cambiantes, ambivalentes, mutáveis ao extremo e acionamos as que nos interessam na medida em que precisamos delas. Na mesma medida em que buscamos afirmar novas identidades como hetero e homossexuais, ou homoafetivos, como preferem alguns (desconsiderando portanto, que os heterossexuais, não seriam seres afetivos?) lutamos pela

1 Prof do PPGH/UFCG. Doutor em História pela UFPE, autor da tese Lazeres permitidos, prazeres proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965); Recife; UFPE; 2001. Contato: veclanu@yahoo.com.br

igualdade, mas,... respeitando as diferenças. Identidade e diferença, portanto, circulam em nossas cabeças enquanto conceitos que tentamos a todo custo delimitar, mas sem precisão científica ou sociológica devida. Torna-se cada vez mais difícil definirmo-nos dentro de certos campos: Por que somos o que somos? Por que falamos assim? Por que nos vestimos assim? Como afirma Vecchi (2005: 11), na introdução do livro Identidade, de Zigmund Bauman,

> A questão da identidade também está ligada ao colapso do Estado de bem-estar social e ao posterior crescimento da sensação de insegurança, com a 'corrosão do caráter' que a insegurança e a flexibilidade no local de trabalho têm provocado na sociedade.

Pessoas, do mundo inteiro, tentam a todo custo, pertencer a algum grupo identitário. Participar de comunidades às quais elas julgam pertencer desde os seus primórdios. Ou tentam ainda conservar seus valores e suas origens para se sentirem parte de algo[2].

Quando convidado para falar sobre este tema fiquei a pensar sobre o que sou. Sobre como me identifico. Talvez este fosse o melhor ponto de partida, para começar a conversar com os colegas aqui presentes, ou com os possíveis e amáveis leitores que um dia este texto venha a ter. Então, quem sou? Como me identifico? Como me porto diante das pessoas e como elas exigem de mim certas posturas que lhes permitam identificar-me? Sou homem? Macho da espécie humana? Heterossexual? Heteroafetivo? Sou professor, pai, amigo, historiador, cearense, paraibano, cidadão do mundo? Não é necessário dizer, e nem ninguém me perguntou, a cor da minha pele, pois que parece algo óbvio: Sou negro! Ou me identifico como tal quando me é conveniente e politicamente correto? Acionar a identidade de negro, em outros tempos de violência real e bullyng ainda desconhecido, foi bastante doloroso. Nem sempre, nós negros, nascidos nos anos 60 e vivendo nossa juventude nos anos 1970 e 1980,

---

2 Enquanto preparava este texto, e um pouco depois de apresentá-lo para as primeiras observações dos ouvintes na cidade de Sobral, recebi de presente três livros de amigos historiadores e o que me chamou a atenção foi que nos três, havia um forte apelo à questão da identidade. No livro **Florianópolis no tempo presente**, Florianópolis-SC Editora da UDESC e DIOESC, 2011, organizado por FALCÃO,Luiz Felipe et al. há inclusive textos que tentam apontar para a construção da cidade e sua identidade a partir da figura do "manezinho" da Ilha. Já no livro de COSTA, Ana Lucia R.M – **Madeira que cupim não rói – Xapuri em Arquitetura (1913-1945)**; 2ª edição; Rio Branco-AC; Gráfica 2 irmãos, 2010, logo nos prefácios as ideias de identidade e comunidade homogêneas e hegemônicas se apresentam como marcas fortes a serem notadas no texto. Chegando um dos prefaciadores a afirmar que: a importância do livro *"não se limita aos fatos históricos. Ela vai além. Constitui de fato, apreciável fonte de pesquisa e registro de uma gente e de um modelo de viver quase hegemônico no século passado*". Definição esta que poderíamos facilmente chamar de identidades que buscam uma comunidade. Em outro livro, escrito por PEREIRA, George e TEIXEIRA, Geyse Anne – **Fábrica de Caroá – História e Memória**; Caruaru- PE; Edições Bagaço; 2011; o prefaciador e historiador pernambucano Cristiano Cezer, chama a atenção para o fato de que a historiografia brasileira tem passado a dar mais atenção ao cotidiano, à história local e regional, à cultura, às manifestações populares e ao revisitar das memórias individuais e coletivas, o que, supostamente, permitiria a construção e reconstrução historiográfica das identidades locais.

gostávamos de acionar tal identidade. Sofríamos com isto. Éramos acossados por isto. Hoje, quando dentro das Universidades e em outras instâncias sociais temos cotas que nos valorizam e nos diferenciam por causa de nossa cor melaninamente acentuada, nos sentimos seguros em acionar tais valores ou tais conceitos. Sou negro. Tenho identidade negra. Antes, na Fortaleza dos anos 1980, não era tão fácil ou seguro afirmar isto.

Mas quando sou parado pela policia nas ruas de Fortaleza, Natal, São Paulo, Lisboa, Buenos Ayres, João Pessoa, Campina Grande ou Sobral, apenas por ser negro, não me parece muito bom fazer discurso de negritude e clamar por meus direitos de afro-cearense. Quando hoje, no dia em que começo a escrever este texto, vi dois sujeitos numa pequena motoneta, serem parados pela polícia do RN, em frente ao restaurante no qual eu - negro, professor universitário em greve, assalariado, nordestino, sem distinção de sotaque aparente com os potiguar - almoçava com minha família, para serem revistados apenas por terem traços negróides e estarem, possivelmente, furtando a motocicleta, fico a me perguntar se caso eu estivesse na calçada do restaurante, em atitude suspeita (seja lá o que isto signifique), com boné de "marca" e bermuda meio surrada, sandália havaiana e sem sinais aparentes de riqueza (seja lá o que isto signifique também), se não seria revistado também. Para, ao final, receber um "boa tarde cidadão, pode seguir"?

A identidade que construímos para nós todos passa por vários níveis de aceitação ou negação de certos valores. A identidade regional, que tão bem já foi discutida por Albuquerque Jr. (1999) no caso do Nordestino, mostrando aquele autor que tal identidade não existe a não ser enquanto discurso imagético discursivo (**Albuquerque Jr. 2001**), torna-se fato histórico no momento em que nós, nordestinos, precisamos acioná-la para nos fazermos partícipes de algo que é esta região geográfica e discursivamente inventada. Quando estamos em nossos estados de origem, não detectamos sotaques, gírias, interjeições, interpelações, declinações de certas palavras. Mas basta que nos afastemos alguns poucos quilômetros de nosso local de origem para começarmos a entrar em estágio de estranhamento diante das versões do nosso próprio idioma.

Recentemente, estando no PI, mais precisamente em Teresina, começava a ouvir a forma como meus amigos e colegas piauienses falam: há um quê de pergunta nas afirmações deles: "Num é não?" Há um pouco de busca de concordância, de apelo à nossa interferência no diálogo. As afirmações mais singelas ficam mais bonitas por causa das interrogações ao final. Não porque contenham perguntas, mas porque contém a vontade de acordo, o desejo de aceite, a ânsia da cooperação: "Não tem?"

Por outro lado: o *jeito* de falar dos cearenses, identidade da qual já fiz parte com todas

as veias do meu corpo, me parece agora apressado, interdental, com palavras cuspidas entredentes, de uma rapidez desconcertante para quem está a 20 anos na Paraíba e ouve todos os dias o "cantar melódico" dos companheiros de trabalho, dos alunos e alunas, dos vizinhos e amigos, das pessoas da feira de todo domingo, dos amores, dos amantes enamorados, enfim, dos filhos tidos e amados naquelas terras. A fala, o sotaque, a entonação são os primeiros sinais de alteridade que podemos encontrar no outro. Depois é que virão os outros sinais de distinção (roupas, comidas, gírias, gostos, personagens marcantes). Distinguirmo-nos pela fala, pelo som emitido, pelas palavras que só são ditas daquela forma, é o que melhor nos identifica. Somos alvo da escuta do outro. Somos alvo, às vezes, da chacota do outro. Somos pontos de diferenciação num mundo que sempre parece unívoco, e porque não dizer, uníssono.

Quando viajo para os estados do Nordeste me sinto mais tranquilo, mais seguro, mais nordestino, mais identificado e identificável. Quando viajo para os estados do Sudeste/Sul me sinto ainda mais nordestino, mais seguro de minhas raízes, mais tranquilo ainda da minha diferença. Mesmo sabendo que quando tiver que pedir algum informação no ônibus, no hotel, no taxi, no restaurante, terei que pedir esticando as palavras, sendo demasiadamente cortês, para que o outro não apenas me ouça, mas me entenda, me incorpore, me inclua em outra identidade: a de brasileiro.

No Norte (Manaus, Belém e Boa Vista – RR) fui identificado como cearense. Aqueles estados sempre receberam enormes contingentes migratórios de nossos irmãos cearenses. Assim, é fácil identificar, de longe, um cearense. Não um professor universitário cearense, um suposto intelectual cearense, um pai ou um amigo cearense, mas apenas: um cearense. E a busca de outros parâmetros para esta identificação é imediata: - Ah, você é da terra de Fagner, não é? Você é da terra de Ciro Gomes, não é? Por que não há perguntas do tipo: você é da terra de José de Alencar? Você é da terra de Raquel de Queiroz? Você é da terra de Capistrano de Abreu? Porque estas pessoas já não falam, já não cantam, não discursam, não se pronunciam, não expressam em viva voz o que seríamos nós cearenses. Os exemplos que vêem à mente dos meus ouvintes lá no extremo Norte, é o que supostamente compartilho com este artista ou com este político famosos pelos mais variados motivos. Mas o que tenho a ver com estes dois personagens? Aparentemente nada. Eles são mais famosos do que eu, mais competentes do que eu naquilo que fazem, possivelmente, *mais* cearenses do que eu. Mas naquele momento sou eu, que, supostamente, represento todos os cearenses que eles, do Norte, conhecem. Que responsabilidade!

Outra questão, ou forma de nos identificarmos, é quando vamos ao sul do país. Que

diferença de tratamento! Para o homem comum, das ruas, somos todos paraíbas (no RJ) ou baianos (em SP). E quando entramos em contato com os meios intelectuais (universidades, centros culturais, congressos, bienais de livros, etc) o processo "identificatório" não é muito diferente. Só para ficar no exemplo dos historiadores ou escritores, quando nos apresentamos como tal, as identificações são sempre com os grandes marcos da historiografia nacional, pernambucana ou baiana, que para eles é a mesma coisa. De repente não somos cearenses ou paraibanos. De súbito, como por encanto, somos das terras de Gilberto Freyre, Câmara Cascudo ou Jorge Amado (que é um grande escritor, mas nem historiador é!). Como por um passe de mágica nos transformamos todos em NORDESTINOS. Uma entidade abstrata, que, para eles, do sul do país "não tem gosto, nem vontade, nem defeitos, nem qualidades" (Chico Buarque). Mesmo os mais profundos conhecedores da história e da historiografia brasileira e nordestina, nos comparam ou confundem com pernambucanos, baianos e, por vezes, até com amazonenses (já me perguntaram se eu era da terra do grande escritor, Marcio de Souza – autor de **Galvez, Imperador do Acre.** Não tive como não dizer não, levando em consideração que todos no Acre tem algum vínculo com o Ceará, inclusive o tal Galvez, mas o Marcio de Souza é do Amazonas - Na verdade me senti honrado!).

Contudo, pelo menos para mim, não deixa de ser surpreendente que hoje, diante de tantas informações disponíveis na internet e nas redes sociais, os historiadores que são acionados como marcas ou marcos de identificação regional nordestina ainda sejam os dos anos 10, 20 e 30 do século XX. Há um desconhecimento quase generalizado sobre autores importantes para a historiografia nordestina atual como Durval Muniz de Alburquerque Junior (da PB, mas agora vivendo no RN. Talvez o mais conhecido entre nós.); Frederico de Castro Neves (do RJ, mas vivendo no CE); Antonio Torres Montenegro e Antonio Paulo Rezende (de PE), João José Reis (da BA, mas há muito tempo cidadão do mundo), Rosa Mª Godoy (paulista, há muito radicada na PB) e Marcos Silva (do RN, hoje vivendo e trabalhando em SP), só para citar alguns importantes historiadores nascidos, radicados ou que estudam e tentam explicar o Nordeste brasileiro.

Na busca de nos identificarmos como historiadores, intelectuais, professores nordestinos, buscamos firmar uma identidade e esta identidade teria que passar, necessariamente, por nossos temas de estudo, por nossas formas de explicação, nossos topos de linguagem e de partida para a explicação histórica. Parece que ser nordestinos nos obrigaria a falar um "nordestinês" historiográfico e só estudar temas ligados à cultura e à história nordestina.

A questão da identidade passa necessariamente pela definição de quem somos para nós

mesmos. E somente começamos a definir para nós mesmos quem somos, quando somos perguntados a respeito. Creio, portanto, que é importante pensar a(s) identidade(s) como consequência do estranhamento. O quê nós, que nos designamos como nordestinos, temos em comum com as outras pessoas do Brasil? O que temos de diferente? E o que nos unifica? As próprias designações dos nossos encontros acadêmicos como locais, estaduais, regionais, nacionais ou internacionais já denota esta busca de pertença. Se precisamos nos identificar como tal e se nos aborrecemos quando o evento não tem ou não cumpre o prometido em trazer pessoas de outros países ou locais do país, é porque as noções de NÓS e de OUTROS está muito clara em nossas cabeças. NÓS, pronome ao qual, às vezes, queremos pertencer, e os OUTROS dos quais queremos, por vezes, nos diferenciar.

Todavia, como alerta Albuquerque Jr. sobre os estudos que tentam definir, por exemplo o gênero como uma identidade, as nossas tentativas de definir os encontros acadêmicos ou as publicações que realizamos a partir de tais eventos, caem na armadilha do discurso identitário e na nomencaltura que nos é imposta pelos órgãos de fomento. As identidades, para aquele autor, só existem enquanto fatos linguísticos, pois apesar dos estudos (sobre gênero) abordarem "como as identidades são forjadas socialmente, como elas estão atreladas a estruturas de poder, como elas são negociadas no interior de uma dada realidade...a pergunta pela identidade continua sempre presente." (ALBUQUERQUE Jr. 2012: 15). Assim também, quando tentamos definir histórias locais, criamos ou procuramos criar uma identidade local, que pode conter aspectos positivos, mas também pode engessar as realidades múltiplas em um conceito estanque.

II - TENTATIVAS DE DEFINIR HISTÓRIAS LOCAIS

No que tange à história, ajudar a construir uma identidade local é também e sempre problemático. Na medida em que nós historiadores construímos um lugar de pertencimento através de nossos textos e estudos, nos ancoramos em estudos de outros autores que nos são próximos ou aos quais fazemos oposição teórico-metodológica. Todavia, sempre o nosso discurso historiador tende a confluir para uma formação discursiva que tenta circunscrever uma dada situação identitária. Os exemplos mais próximos que tenho são os de História da Paraíba, e mesmo correndo o risco de citar nomes importantes, da História do Ceará.

A história da Paraíba é riquíssima em temas, aspectos e interpretações, tendo passado por diferentes fases nas formas de escrevê-la. Numa primeira fase tivemos os autores de corte positivista que buscavam encontrar uma verdade científica e única para estabelecer os marcos de origem de certa paraibanidade ou um modo único de "ser paraibano". Este tipo de História

foi muito desenvolvido a partir da produção do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e de autores locais (dos vários municípios paraibanos) que, se colocando na condição de Historiadores, escreveram memórias sobre os seus municípios, deixando-nos importantes depoimentos sobre a vida, os costumes, as práticas políticas e as relações sociais engendradas nas diferentes regiões do Estado. Uma história mais factual, mas hoje importante como fonte de informações.

Num segundo momento, a partir da década de 1960, com a institucionalização de um grupo de historiadores vinculados a José Honório Rodrigues, a história da Paraíba passa por uma transformação no que diz respeito à tentativa de torná-la mais científica, embora, o cientificismo pretendido fosse o de corte materialista histórico, com sua versão política, o marxismo e a sua forma metodológica de explicar o processo histórico como uma sequência de causas e efeitos da luta de classes e, consequentemente, com a resolução de todos os problemas sociais a partir da extinção de tais classes. Uma história militante, imprescindível para o entendimento das relações político-econômicas que definiram os espaços e condições atuais do Estado, mas que ficava restrita a um tipo de explicação mono-causal.

A partir da criação dos programas de pós-graduação em História no Nordeste Brasileiro, principalmente os da UFPE e UFBA, novos temas, principalmente vinculados à história da Paraíba colonial passaram a ser estudados, discursados e desvendados, e outros tipos de análises foram se estabelecendo como válidas. Passou-se a estudar a Paraíba para além de suas questões político-partidárias e econômico-sociais. Trabalhos sobre a economia do Estado ganharam matizes mais leves e interpretações mais sofisticadas, apontando para aspectos da cultura e do cotidiano das populações paraibanas em diferentes locais do Estado.

Recentemente, no século XXI, com a institucionalização dos programas de pós-graduação da UFPB (2005) e da UFCG (2006) começaram a surgir ou vir à tona, estudos circunstanciados sobre diferentes municípios paraibanos. Esta produção, de jovens e novos historiadores, aponta para aspectos importantes da vida dos paraibanos como as condições de saúde e doenças; as resistências das populações negras à escravidão e a outras formas de opressão; a luta das mulheres em diferentes espaços da vida pública e privada; o surgimento e incremento de equipamentos modernos do conforto (como o trem, a luz elétrica, telégrafo, cinema, etc...), as experiências de modernização e as ideias de modernidade nas cidades paraibanas; as representações sobre diferentes sexualidades; ideias sobre moda, costumes, lazeres e diversões, além, é claro, das relações de sociabilidade e sensibilidades dos habitantes da Paraíba como um todo.

Todos estes discursos, sejam de matriz positivista, materialista ou oriundos da nova história cultural, embora se apóiem em conceitos téorico-metodológicos muito diversos, acabam por demarcar uma certa forma de fazer história e de contar a história da Paraíba. Há sempre uma distância muito grande entre a história produzida na Academia e aquela estudada nas escolas. Esta distância já foi maior e vem sendo superada ao longo dos últimos vinte anos em virtude do novo tipo de formação de nossos alunos das 3 universidades públicas do Estado (UFPB, UFCG e UEPB).

No Ceará, mesmo acompanhando à distância, e dialogando mais de perto com colegas que vem estudando os mais diferentes aspectos da história das cidades e da cultura cearense (como os historiadores Erick Assis, Antonio de Pádua Santiago, Francisco Carlos Jacinto Barbosa, Marta Emísia Barbosa, Frederico de Castro Neves, Simone Sousa, Altemar Muniz, Sebastião Rogério, com seu ótimo trabalho sobre a Fortaleza da Bélle Époque; Gisafran da Mota Jucá com seus trabalhos sobre história oral e memórias de idosos em Fortaleza; Berenice Abreu com seu excelente trabalho sobre os jangadeiros - e tantos outros jovens historiadores que vem trabalhando em temáticas que não domino e não me arrisco a comentar – além destes venho acompanhando com prazer e atenção trabalhos de profissionais de outras áreas, como a cientista social Diocleide Lima Ferreira, que conheci por escrito recentemente, e que escreveu um instigante texto sobre os espaços de lazer em Sobral), venho percebendo este novo formatar de uma nova história do Ceará. Tenho visto e sentido uma forte produção historiográfica que aponta para além dos limites físico-geográficos do Estado, com a multiplicação de temas, abordagens e explicações teórico-metodológicas bastante refinadas.

Todavia, quando nos encontros nacionais e mesmo internacionais, como já é o Simpósio bi-anual da ANPUH, podemos sentir o "acento" cearense nas formas de análise, apresentação e compreensão dos fatos e dados historiográficos. É como se os jovens historiadores cearenses pertencessem ou possuíssem um ethos próprio e uma forma de apresentar suas pesquisas que não deve nada a ninguém. Há uma história do Ceará que deve e pode ser entendida por qualquer pessoa. Quando assisto aos alunos dos mestrados e doutorado cearenses apresentando trabalhos em congresso nacionais ou locais (seja lá o que isto signifique para os orgãos de fomento), sinto, além do sotaque que nos é característico, uma MANEIRA, UM JEITO, UM PRONUNCIAMENTO, UMA LOCUÇÃO diferente, quase uma imposição de que todos conheçam a história do Ceará ou o que esta já deveria ser uma história conhecida por todos. Porque o Ceará é importante ou deve ser considerado como tal. Logo, todos já devem saber sobre a sua história e sobre a história de Fortaleza, principalmente, que é sobre o que tenho lido e acompanhado mais detidamente.

Desta forma, A história do Ceará, assim mesmo, com A maiúsculo, aparece como uma marca distintiva dos próprios historiadores, que não se pretendem locais, mas tem sim, possuem sim uma forma própria de pesquisar, analisar e apresentar suas descobertas historiográficas. Claro que na maioria dos estados brasileiros isto também ocorre. Esta tentativa de marcar um jeito de ser próprio que interroga e explica o modo de ser de uma coletividade ou comunidade.

III - AS REDES SOCIAIS E A DESTRUIÇÃO/CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Agora, aparentemente, mudando de assunto gostaria de destacar outro aspecto da construção das identidades. Depois do colapso dos grandes projetos hegemônicos de partidos políticos, principalmente, os de esquerda, que hoje não mais mobilizam grandes massas, surge a última e mais potente arma do capitalismo mundial. As redes sociais. As redes sociais são um misto de equipamento que oscila entre espaços amplos de liberdade e opressão. Como afirma Vecchi, em sua introdução ao livro de Bauman: "Qualquer que seja o campo de investigação em que se possa testar a ambivalência da identidade, é sempre fundamental distinguir os pólos gêmeos que esta impõe à existência social: a opressão e a libertação".(VECCHI, in BAUMAN; 2005:13). As redes sociais permitem que oscilemos entre estes dois pólos tão caros aos seres humanos: Liberdade X Coerção.

Acredito que nas redes sociais o que mais impacta e desorienta os indivíduos é a sensação de que podem tudo, mas que também existem limites e condicionamentos. A primeira ilusão que as redes causam é a do individualismo e de que o usuário detém o controle da informação. Está somente você e sua máquina e você pode, aparentemente, escrever tudo o que quiser, tudo o que lhe vier à cabeça. Todavia, o que é, ou parece paradoxal é que você ao postar algo quer, espera e almeja o apoio e o aval dos outros para suas opiniões, suas convicções religiosas, seus gostos musicais, seus interesses de lazer e entretenimentos. Mas vez por outra você posta o seu desejo de que cada um deva cuidar de sua própria vida, que ninguém tem nada a ver com sua liberdade de escolha, com sua posição política ou com seus posicionamentos ideológicos pessoais sobre tal ou qual assunto.

É interessante notar que o ORKUT, primeira rede social a fazer sucesso no Brasil perguntava quando da caracterização do perfil: *quem é você?* E hoje, o FACEBOOK pergunta: *no que você está pensando agora*? Todavia, até bem pouco tempo atrás a pergunta de entrada era: *o que está acontecendo agora*? Mais importante ainda nestas questões, ou neste tipo de questão que faz o indivíduo pensar para responder, é o fato de que a sua resposta definiria, em tese, o seu ESTADO atual ou o seu status. Ou seja, nada é para ser definitivo. É

tudo do momento. É tudo agora, podendo, portanto, ser mutável, móvel, moldável, adaptável, transformável.

Além disto, ninguém realmente dá atenção à pergunta, pois na maioria das vezes não a estamos respondendo e sim apenas afirmando algo sobre o como estamos nos sentindo no momento, como está o nosso estado (status) atual, sobre as nossas ideias mais gerais, sobre a nossa opinião passageira, não sendo, portanto, a nossa IDENTIDADE, ou seja, aquilo através do qual queremos ser conhecidos ou reconhecidos. Como afirma também Benedetto Vecchi, segundo palavras de Bauman “A internet facilita a expressão de identidades prontas para serem usadas” (VECCHI in BAUMAN, 2005:11)

Contudo, apesar da tentativa disfarçada do FACEBOOK de nos fazer pensar ou pensar que pensamos sobre o que estamos escrevendo/postando, é claro que muitos usuários postam/escrevem, “no automático”. Assim, a lógica ou a falta de lógica é: fale o que você está sentindo e não o que você está pensando. Sentimento não comportaria razão, raciocínio, definição de identidades.

A impressão de que você compartilha de algo - no ORKUT fazíamos parte comunidades - mais recentemente, no FACEBOOK, temos os grupos de discussão – gera a ilusão que possuímos e compartilhamos identidades, que defendemos valores comuns, que apostamos em algo coeso, unívoco, maduro, centrado e com repercussões para além da nossa máquina de escrever eletrônica. Contudo, todas as vezes que nossas convicções mais profundas, geradas por nossa formação familiar, educacional, política ou mesmo militante são colocadas em cheque podemos acionar outras identidades, visando marcar nossas diferenças. Então, como já vimos/lemos postagens no próprio FACEBOOK - somos todos pessoas legais, agradáveis, politicamente corretas, não maltratamos animais, respeitamos os relacionamentos (os sérios e os enrolados), defendemos todas as religiões, amamos para sempre, perdoamos os nossos inimigos e só comemos produtos naturais ou que nós mesmos escolhemos. Quando precisamos, nos designamos como cristãos (católicos e evangélicos, dos mais variados matizes). Apresentamo-nos como homens e mulheres, como homo ou heteroafetivos, como negros e negras, como profissionais desta ou daquela corporação, como mentores intelectuais desta ou daquela posição filosófica ou política, pois só assim nos consideramos DIFERENTES, permanecendo IGUAIS. Membros de algo em que podemos expressar nossa INDIVIDUALIDADE de forma COLETIVA. Somos, enfim, indivíduos soltos, mas unidos numa trama, numa rede!

Não temos identidades fixas nas redes sociais e não é mesmo o objetivo tê-las. Apesar desta possibilidade de mudar constantemente, incomoda muito quem muda a imagem do

perfil, o nome, o status de relacionamento a toda hora. Estas são consideradas pessoas fúteis, descompromissadas e, pelos psicanalistas de plantão, *problemáticas*. Pessoas que buscam atenção, respeito, reconhecimento e, por fim, querem ser amadas. Tudo isto é analisado na própria rede social, mesmo que a pessoa não esteja interessada na opinião dos demais. Verdadeiros livros de auto-ajuda, na forma de frases estimulantes, são postadas dia-a-dia, momento-a-momento, segundo-a-segundo, a cada troca de status, cabendo a quem está do outro lado da tela, descobrir qual o nosso verdadeiro estado de espírito.

Embora os críticos e defensores da pós-modernidade apontem para a importância da aceitação destas identidades fluídas, quem se apresenta como mutável, mutante, multiforme, múltiplo é considerado pelos politicamente corretos de plantão como fútil, descompromissado e, para usar uma palavra que já saiu de moda, alienado por, inexplicavelmente "perder" tempo com e nas redes sociais. Afinal: "tempo é dinheiro!" Pelo menos no capitalismo, tão combatido pelos mesmos politicamente corretos. De repente, é como se os críticos das redes sociais não vissem a possibilidade de usá-la contra o próprio capitalismo, na defesa de interesses anti-opressores, denunciando, através das próprias redes o que elas esperam e desejam de nós, simples usuários, aparentemente passivo aos seus designios.

Para os criadores das redes sociais é importantíssimo que as pessoas passem muito tempo diante do computador, tanto interagindo umas com as outras como também consumindo aleatoriamente os produtos que as patrocinam. Se há uma identidade que une usuários e não usuários ou seus críticos é o fato de serem *consumidores compulsórios*. No sentido certeuniano, poderíamos ser usuários consumidores mais dinâmicos e criadores de múltiplas identidades. O consumidor das redes sociais poderia não ser um consumidor simplesmente passivo ou apático, pois ele tem a possibilidade de interagir, de burlar, de negociar com a informação: comentando-a, curtindo-a, compartilhando-a, mas (e) também alterando-a a seu favor, convertendo-a em apoio à causas nobres, fomentando-a como ponto de partida para outras discussões, aprimorando-a a serviço daquelas comunidades às quais ele julga pertencer.

Outro aspecto que gostaria de abordar é a capacidade que a internet em si e as redes sociais em particular, possuem de mobilizar as pessoas, de variadas identidades, para determinadas causas. É inegável que em outros tempos Associações e Partidos políticos mobilizavam grandes massas para as suas manifestações e em prol de suas discussões filosóficas e ideológicas. Hoje, tais instituições não apenas não conseguem organizar ou mobilizar grandes contingentes de pessoas, como também não podem prescindir das redes para mobilizar seus militantes autênticos e simpatizantes ocasionais.

Além disto, setores sociais, grupos alternativos, grupos de discussão conseguem mobilizar mais pessoas para uma manifestação do que as antigas formas associativas e com mais dinamicidade e retorno, pois, através de imagens e comentários posteriores, "provam" (esta ação tão desejada por alguns historiadores dos tempos atuais) que o fato realmente aconteceu e que aquelas pessoas ali reunidas fizeram parte dele. A História, pelas redes sociais, é feita de convocação, participação, registro, exibição dos resultados e de novas ações. Pode até não haver reflexão sobre o que aconteceu, mas sabe-se ao certo, que aconteceu! Esta é mais um dos aspectos da busca frememente e insana pela identidade em tempos ditos pós-modernos. Tempos de velocidade, tempos de mudanças rápidas onde nada permanece como está. Onde nada é o que foi há algum tempo atrás. Onde perguntar *em que você está pensando agora*, logo em seguida não interessa a mais ninguém, porque logo a seguir você verá estampado em sua tela: "fulano de tal" ***atualizou*** o seu status. Ora, status (como na frase status quo) deveria ser algo minimamente mutável, não tão transitório, que busca uma perenidade, que tenta ou luta para se manter igual, idêntico, identificador.

As redes sociais, como outras artimanhas inteligentes do capitalismo, nos fizeram nômades de nós mesmos. Sem porto seguro. Sem oásis. Sem identidades fixas. É preciso mudar sempre para permanecermos sempre os mesmos.

Assim sendo, penso que as redes sociais, com todas as limitações que lhe são próprias e todos os condicionamentos que lhe são inerentes nos permitem alterar não apenas o status de relacionamento ou de ânimo daquele dia ou de certa ocasião, mas também permite jogar o jogo de quem criou o jogo, forçando-o a criar mecanismos que "agradem" aos usuários como os APPs (aplicativos) e os MEMES, que são exemplos disto. A repetição constante do mesmo tipo de imagem (como por exemplo o Willy Wonka irônico) ou um Meme criado sobre a imagem de uma pessoa real e sobre a qual o usuário pode escrever o que quiser, nos dá a impressão que criamos vida, que criamos arte, que criamos ideias, que criamos mundos, enfim, que criamos, produzimos e inventamos identidades!

Mas a pergunta que o oráculo Delfos fazia a quem lhe procurasse: Quem é você? Continua a nos atormentar. Se conseguirmos responder esta questão pelo menos nas redes sociais transitórias, e de forma transitória já teremos feito grande parte do trabalho de responder qual ou quais são as nossas identidades, mas no campo da história ainda há muito por fazer na tentativa de definir o que seriam as identidades locais. Cabe a nós historiadores discutir isto até a exaustão. Cutir, compartilhar e comentar.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de – A invenção do Nordeste e outras artes; Recife : Massagana/Cortez; 1999.

ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de – O fascinio da Identidade in: Gênero e Identidades Sexuais – Práticas e representações sociais. (orgs.) Fabio Ronaldo da Silva, Rosilene Dias Montenegro, Sandra Raquew dos Santos. - Campina Grande : EDUFCG, 2012; p.9-17.

BAUMAN, Zygmunt – Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. - Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2005.

DAMASCENO, Francisco José Gomes e SOUZA, Antonio Clarindo B de (org.)– Cidades (Re)inventadas: sujeito(s), fonte(s), história(s) na Paraíba e no Ceará; Fortaleza/Campina Grande; EDUECE/EDUFCG; 2010.

FERREIRA, Diocleide Lima – Espaços de lazer em Sobral – Ceará, o cid-marketing e uma proposta de (re)invenção da cidade. In: Multíplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e região em foco. Martha Maria Junior, Nilson Almino de Freitas, Virgínia Célia Cavalcante de Holanda – Sobral: UECE/UVA, 2010.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

Natal/Campina Grande 05 a 12 de julho de 2012

Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza – UFCG